



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ISIS TALLITA DO ROSÁRIO ALMEIDA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: A
CARTOGRAFIA E O RECONHECIMENTO CULTURAL**

**BRAGANÇA-PA
2024**

ISIS TALLITA DO ROSÁRIO ALMEIDA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: A
CARTOGRAFIA E O RECONHECIMENTO CULTURAL**

Creditação de Trabalho de Conclusão de Curso
(Instrução Normativa nº. 01/2023 -
PROEG/UFPa), apresentado à Universidade
Federal do Pará, como requisito para a
obtenção do Grau de Licenciada Plena em
Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr.
Sebastião Rodrigues da Silva Junior.

**BRAGANÇA-PA
2024**

Introdução

O presente trabalho configura-se em um relato de experiência realizado a partir do componente curricular Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos EJA, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, UFPA, Campus Bragança, tendo como objetivo expor a experiência vivida dentro do contexto escolar, propiciado pelo Estágio Supervisionado.

O estágio supervisionado é uma etapa indispensável na formação profissional, pois o/a educando/a pode experimentar a realidade dentro do universo educacional e das atribuições da profissão. "O estágio conduz à busca por aprendizado e ao reconhecimento das realidades vividas dentro dos contextos educacionais, estabelecendo uma relação teórica e prática construída no espaço acadêmico" (SILVA et al., 2022, p.2). Sendo assim, o estágio é uma etapa fundamental na formação profissional, pois permite ao/a acadêmico/a abarcar o chão da escola, observar, se familiarizar, socializar e criar estratégias para o surgimento de práticas eficazes no ensino-aprendizagem e na construção da identidade profissional.

Pimenta; Lima (2009), reconhecer que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições [...]. Constrói-se também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e seus anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA; LIMA, 2009; p.19).

Assim, a identidade profissional é formada pelas significações atribuídas dentro e fora do papel da docência, dentro das vivências profissionais e cotidianas que o sujeito estabelece, restaurando-as no seu trabalho pedagógico.

O estágio supervisionado foi realizado na E M E F Lúcia de Fátima Miranda do Rosário, meio rural do Município de Bragança, Pará, sendo desenvolvido com as turmas do 1º e 2º ano da Modalidade de Jovens e Adultos EJA.

A metodologia considerou os diálogos citados e construídos na academia com a relação docente/discente, as experiências dentro da escola e a elaboração de uma atividade pedagógica, tendo como tema gerador “Cartografia: O reconhecimento cultural.”

Sendo o estágio estruturado em dois períodos observação e intervenção, Godoy (1995), dispõem que “o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a

partir da perspectiva das pessoas, nelas envolvidas, considerando todos os pontos de vista envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevante”. Assim sendo, todo o processo de captações de informações atribuídas a partir da percepção dos discentes foram significativas para estabelecer momentos significativos vividos dentro do espaço educacional. Para o desenvolvimento da atividade usou-se lápis, borracha, cartolina, lousa, caneta piloto, fotografias, lápis coloridos, régua objetos de fácil acessibilidade.

2. Educação de jovens e adultos (EJA)

A educação de jovens e adultos (EJA) embora seja vista como categoria nova para um ensino sistemático e com iniciativas governamentais voltadas para a educação, ela se perpetua no Brasil desde o período colonial, com a chegada da Companhia Missionaria de Jesus, estabelecidas por padres jesuítas, tendo como objetivo a alfabetização e a catequização missionária, voltada para crianças e adultos, à medida que ensinavam as primeiras letras, ensinavam também a doutrina católica e os costumes europeus, os jesuítas acreditavam que seria incapaz a convenção se não houvesse o letramento.

Portanto, a Educação de Jovens e Adultos não é recente, podendo ser vista desde o Brasil Colônia, no “tempo em que não se falava em educação para a população não infantil, fazendo-se referência à população adulta, que precisava ser catequizada para as causas da igreja católica” (SOARES, 1996). Durante o período imperial, houve algumas mudanças educacionais, restritos apenas a pessoas livres que haviam deixado a elite.

Com a revolução industrial, começa-se um processo de valorização da educação, com a aquisição da escrita e da língua falada, pensando na ascensão social, como forma de progresso, assim como a ampliação para a base de votos. No entanto, era uma educação segregada, discriminatória, voltada apenas para homens, brancos e de boa renda, índios, negros e mulheres não tinham acesso.

No final dos anos 40, o governo criou um fundo voltado para a população, com ações políticas e pedagógicas, com proposta a desenvolver a alfabetização, tendo em vista que o analfabeto era visto como um indivíduo marginal e incapaz de se expressar, como remete Paiva (2001):

“(...) a ideia central (...) é a de que o adulto analfabeto é um ser marginal que não pode estar a corrente da vida nacional. E associam-se a crença de que o adulto analfabeto é incapaz ou menos capaz que o indivíduo alfabetizado (...)” (PAIVA, 2001, p.184).

O indivíduo sem domínio do letramento, era visto como insignificante no contexto social, na busca por romper essa ideia discriminatória surgiram movimentos que pretendiam desenvolver a educação para os adultos, como foi o caso do movimento criado por Paulo Freire, na década de 1960, a partir de sua experiência com trabalhadores rurais em Angicos-SE (GALVÃO, SOARES, 2006). Porém, com o golpe militar, a experiência que poderia ser expandida para todos o Brasil, foi transformada pelos militares no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha por objetivo erradicar o analfabetismo desenvolvendo uma alfabetização funcional, movimento que permanece até o fim dos governos militares, nos anos 1980 (GALVÃO, SOARES, 2006; FERNANDES, OLIVEIRA, 2015).

É com a promulgação da Lei de diretrizes e bases da educação (LDB), Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que vamos ter uma ampliação das ações, que no seu art. 37, dispõe sobre o seguinte: “A educação de jovens e adultos será destinada aquelas que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria”, garantindo a escolarização como um direito a todos, e de retornar seu processo de escolarização com o intuito de se alfabetizar ou concluir seu ensino fundamental e médio, direcionando uma qualificação e a busca para uma melhor qualidade de vida, assim como abranger um tratamento igualitário no que se refere ao número de analfabetos no país.

A EJA é a principal modalidade de ensino para formar indivíduos que não tiveram acesso ao ensino em idade regular e que agora entram em sala para buscar novas perspectivas de vida, o processo de alfabetização, criando sujeitos críticos capazes de terem opiniões próprias no meio em que se estabelecem, além de fornecer ao educador estratégias e posicionamentos para os processos educativos e sociais, de indivíduos em suas próprias especificidades.

3. Caracterização do lócus do estágio

A escola Lúcia de Fátima Miranda do Rosário está localizada na Avenida Jader Barbalho, na área rural do Município de Bragança. Em 2003, a escola foi reinaugurada e ampliada, com quatro salas de aula e um bloco administrativo, totalizando oito salas, sendo uma dedicada exclusivamente ao “Mais Educação”, uma secretaria, uma sala de informática, um depósito de merenda, uma cozinha, três banheiros, uma sala de leitura e uma sala multifuncional.

Atua com 43 (quarenta e três) funcionários, sendo 11 professores, o número de alunos matriculados é de cerca de 400 (quatrocentos), há três turnos: manhã, tarde e noite, a escola atende alunos do 1/9º ao 5º ano do ensino fundamental com idade entre 6 e 14 anos. Com exceção das turmas da EJA que têm alunos com idades entre 15 para mais, além disso, a escola promove eventos, oficinas, palestras e noite cultural voltada para a comunidade escolar e familiar.

3.1. Caracterização dos sujeitos da EJA no lócus do estágio

A turma é composta por 19 alunos seguindo os parâmetros de matrícula exigido pela escola, no entanto, os alunos que frequentam de forma assídua as aulas são entre 6; sendo 4 mulheres e 2 homens, dentre os alunos apenas dois, tinha domínio do letramento, conseguindo assim realizar as atividades, dois reconheciam as vogais mais não conseguiam desempenhar a escrita e leitura, uma aluna se caracterizava como analfabeta.

A turma é constituída por adolescentes bem como sujeitos com idade avançada, sendo na sua maioria são discentes que não conseguiram estudar em idade normal, pois quando crianças ajudavam os pais com o trabalho, na roça, pesca e manejo do caranguejo.

Para os pais o estudo não era algo que daria retorno, mais, sim, os ensinamentos passados por eles, esses ensinamentos são geridos de pai para filho até hoje dentro da comunidade, e que se fazem necessário para a construção do sujeito, contudo esses alunos buscam a escola uma formar de se adaptarem ao novo meio social.

Entretanto a realidade escolar na qual estão, não contempla essa perspectiva. Ao analisar o Projeto Político Pedagógico da escola, percebemos que a modalidade EJA não é encontrada no texto. Os alunos não quiseram que seus nomes fossem identificados, mas foram receptivos conosco. Sendo assim, trago algumas falas, ditas por eles quanto ao trabalho desenvolvido pelo docente em sala de aula.

“A atividade que o professor traz sempre é xerox, acho que são as mesmas que ele leva pra turma, que ele dá aula pela manhã, parece que somos crianças”

“Tenho uma filha que estuda com o professor. A mesma coisa que ele passa pra nós, ele passa pra ela”

“Todo dia é a mesma coisa, ele só dá o papel e sai só volta quando está pra acabar a aula”

“Gosto quando é aula de informática, o professor faz nós mexer no computador, a gente consegue escrever, ele traz história com imagens, ele conversa, é bem legal a aula”

Como observamos, os discentes são condicionados a uma metodologia que não consegue desenvolver o interesse e atenção deles. Além disso, ainda temos outros condicionantes, como ausência de equipamentos eletrônicos para todos, estruturas físicas das salas precárias, que podem interferir no desenvolvimento da aprendizagem.

3.2. Observação e regência no lócus do estágio

Durante o período de observação do estágio, notou-se que, a metodologia utilizada pelo professor não contemplava a realidade e o interesse dos sujeitos que ali estavam, a impressão de materiais com conteúdos infantilizados, eram direcionados de forma constante em todas as aulas, o que nos leva a uma reflexão de Amparo (2012), sobre a infantilização na EJA:

[...] o ato de um professor que esteja trabalhando na modalidade de Educação de Jovens e adultos, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos educandos da EJA, ou seja, atividades que são idênticas às transmitidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental. Mas não somente isto, a própria postura que o professor possui perante os jovens, adultos e idosos da EJA, é semelhante à postura que os professores possuem com as crianças (AMPARO, 2012. p, 53).

É necessário que se crie metodologias e posturas diferentes da educação infantil, tendo visto que na EJA os alunos carregam consigo uma cultura social já construída, cabendo o professor reconhecê-las e poder utilizá-las da melhor maneira possível em suas aulas.

“Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. (...) Implica uma autoformação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar (FREIRE, 1989, p.72).

Esse dialogo deriva do reconhecimento e da empatia e da observação da realidade dos sujeitos, suas histórias de vidas, seus anseios, bem como suas perspectivas no acesso a escola, “trabalhar com educação de jovens e adultos traz como pressuposto o amor engajado na luta por humanizar, conscientizar, tornar os sujeitos críticos e atores sociais do seu mundo” (DOS SANTOS; CORREA,2017, P. 17). Para o professor que atua na educação de jovens e adultos, desenvolver sujeitos críticos e pensantes, possibilita um

aprendizado transformador, onde os alunos se empenhem na busca por novos conhecimentos, no entanto, o professor como autor desse desenvolvimento precisa de fato está empenhado.

Neste sentido é essencial que os docentes construam uma postura dialógica e dialética, trabalhando o processo ensino-aprendizagem fundamentado como nos diz Freire (1982) na consciência da realidade vivida pelos educandos, jamais o reduzindo a simples transmissão de conhecimento.

O fazer pedagógico é um ato no qual o professor precisa ampliar sua busca por conhecimentos, por novos métodos, realizar experiências que acrescentem ao processo de ensino-aprendizagem tanto para docentes como para discentes.

Dentro do contexto educacional da Escola Lúcia de Fátima, observamos que o fazer pedagógico, em geral, ficou restrito as inúmeras impressões conteudistas, que não convergem com a realidade social dos discentes e sem muitas significações para estes.

3.3. Desenvolvendo uma experiência de cartografia social

Partindo dessas observações, pensou-se em criar momentos de reconhecimento dos sujeitos e seu espaço territorial, social e cultural, com o uso do tema gerador “Cartografia”, com o intuito de criar diálogos e reflexões para novos conhecimentos.

Para a cartografia social, a importância do mapeamento não está no desenho em si (formato), mas no significado (na subjetividade) do objeto representado, pois a sua representação, é pautada no contexto relacional, ou seja, faz parte de um cotidiano interativo do sujeito que mapeia o seu próprio espaço vivido (LIMA; COSTA, 2012, p. 10).

Desse modo, a cartografia agrega ao mapeamento da história de vida, nas reflexões do sujeito e do seu papel dentro do espaço, enquanto morador, produtor de cultura, trazendo lembranças esquecidas e vivências por eles.

No início da atividade, foi apresentado ao grupo o conceito de Cartografia, com o objetivo de propiciá-los reconhecer o espaço e o lugar, por meio de conteúdos e imagens fotográficas que pudessem ser visualizados por todos em sala de aula. Este foi um momento interessante, uma vez que os estudantes estão sempre submetidos a atividades impressas.

Após, foi sugerido que cada aluno criasse sua própria cartografia, a partir dos registros que tem da localidade. Entre as imagens apresentadas por eles, a escola e a casa

tinham um papel de destaque, sendo a escola o lugar onde estão para aprender, a praça, os rios, as igrejas, o porto de pesca também caracterizavam o local.

Após a criação das cartografias, as mesmas foram descritas pelos alunos, sendo perguntado a eles:

Você conhece esse lugar?

Você se sente pertencente a ele?

Você gosta desse lugar?

Qual trabalho você exerce nesse lugar?

E o que você mudaria nele?

As respostas não eram distintas, todos reconheciam esse local como sendo o local onde residem, onde residem seus filhos, mãe e pai, é nesse local que residem seus anseios familiares, onde se desenvolveram e se tornaram sujeitos.

Eles se reconhecem como indivíduos do meio rural, com hábitos e práticas culturais diferentes dos centros urbanos. A economia que exercem é oriunda do manejo do caranguejo, da pesca artesanal e da agricultura familiar. Assim sua identidade cultural se estabelece na relação entre o espaço e o eu. Como observa Santos (2014), “A identidade territorial é:

“uma identidade cultural definida através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta”. Desse modo, o espaço geográfico constitui parte fundamental dos processos de identificação social (SANTOS, 2014, p. 22).

Assim sendo o espaço geográfico, bem como os costumes, a prática exercida, crenças, a identidade linguística, a história de vida, sendo conjunta ou individual caracterizam suas identidades; esse reconhecimento abre possibilidades de proporcionar caminhos para uma educação problematizadora, crítica e digna.

Para os alunos suas realidades não se diferem, cabendo a instituição reconhecê-las. Para Dias et al (2023), os sujeitos da EJA carregam conhecimentos já construídos:

A EJA [...], traz diferentes níveis de apreensão dos conhecimentos e por sua vez, uma diversidade de saberes, os quais podem e devem ser absorvidos e ressignificados, para que os conteúdos desenvolvidos adquiram sentido para a vida social e pessoal (DIAS et al; 2023. p, 202).

Dessa forma, os conhecimentos culturais e as interações sociais podem ser revisitados, de forma a valorizar os conhecimentos e os saberes da população para desenvolver uma aprendizagem significativa e de qualidade.

Considerações finais

A Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade que se encaminha de forma lenta dentro dos contextos educacionais, apesar de ser garantida por lei, onde é atribuída a todos que não tiveram acesso em idade regular. No entanto, observa-se o descaso em ambientes não propícios aos adultos, a ausência de metodologias que contemple os níveis de aprendizagem, a ausência de diagnósticos preciso sobre as realidades dos discentes, não considerando seu cotidiano do trabalho e sua família.

O docente que atua na EJA deve considerar a realidade social e se interessar pelas histórias de vida de indivíduos que buscam apoio nas instituições educacionais para ampliar suas perspectivas de vida, seja na busca por aprimoramento profissional ou na busca por novos conhecimentos.

É imprescindível que os docentes sejam qualificados constantemente, que os governos executem projetos que resguarдем e garantam os direitos que a modalidade requer.

A experiência adquirida a partir do estágio supervisionado permitiu-me um olhar sensível em criar uma identidade profissional, na qual estimore a curiosidade, em querer aprender, dialogar e reconhecer as histórias reais de pessoas reais, e de relacionar essas histórias na buscar por uma práxis pedagógica que contemplem as reais necessidades dos sujeitos que fazem a EJA, fazendo-me reconhecer o papel do eu, da docência e da escola na formação profissional e pessoal dos alunos. Foi uma experiência de grande valia e de significação para minha vida profissional.

Referências

AMPARO, Matheus Augusto Mendes. A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise no município de Presidente Prudente/SP. *BOLETIM GEPEP* –v,1. n,1 p. 49-62, 2012. Disponível em:< <http://www2.fct.unesp.br/grupo/gepep/4a.pdf> > acessado em: 06 de fevereiro de 2024.

BRASIL. LEI N.9.394 / 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Leis/L9394.htm>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2024.

DIAS, Fernanda; SPIRONELLO, Rosangela; SILVA, Giane. O mapa colaborativo como possibilidade para pensar a cidade: Perspectivas e contribuições dos sujeitos da EJA. *Estrabão, [S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 201–212, 2023. DOI: 10.53455/re.v4i.176. Disponível em:<<https://revista.estrabao.press/index.php/estrabao/article/view/176> >Acessado em: 9 de fevereiro de 2024.

DOS SANTOS, J. S.; CORREA, I. L. de S. A FORMAÇÃO DOCENTE NA EJA: AMOROSIDADE, EXPERIÊNCIA E VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 30, n. 1-2, 2017. DOI: 10.22456/2595-4377.68229. Disponível em:< <http://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosAplicacao/view/68229>> acessado em: 08 de fevereiro de 2024.

FERNANDES, Maria Simone Pereira. **História de vida na Amazônia: relatos de exclusão dos alunos da EJA**. Monografia de Especialização em Alfabetização de Jovens e Adultos. UFPA. Bragança, 2015.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1982.

GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G.. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F.. *Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35, n. 3, p.20-29 Mai/Jun. 1995.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. *Revista Geografares*, nº12, Julho, 2012. ISSN 2175 -370

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Suhelem Brasil. Minha história, nossa história: ressignificando as identidades na EJA. 2014. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania – EJA) Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2014.

SILVA, Elvson Arlindo da; SILVA, Gauquilane Júlia da; SILVA, Givanildo da. A experiência do estágio supervisionado na EJA no curso de pedagogia da UFAL: As vozes dos estudantes. **Dialogia**, [S. l.], n. 41, p. e21116, 2022. DOI: 10.5585/41.2022.21116. Disponível em:< <http://www.periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/21116> >. Acessado em: 3 fevereiro 2024.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revista Presença Pedagógica, v. 1. Florianópolis, 1996.